

Rua, falas e imaginários

Travesti, Invenção do Feminino.

SILVA, Hélio R. S..

Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER, 1993.

Travesti, Invenção do Feminino é um livro bom de ler e bom de pensar. Pode ser lido gostosamente como um romance, em um fim de semana. E pode ser lido como uma tese de Antropologia. *Travesti* foi um dos melhores livros que liemos em 93, e a segunda edição que já está no prelo - com uma capa mais bonita, garante o editor - mostra que muitos concordam com isso. Não por acaso. O livro empolga pela vitalidade com que afirma a liberdade de gênero, ou seja, a de se "escolher com que corpo se quer ir à festa a que a sociedade nos convidou"

O cenário é carioca, urbano, noturno principalmente - embora o livro se divida em três partes (noite, manhã e tarde). A Lapa está ali, vista pelo autor, pelos personagens e por outros moradores, os que escrevem na *Gazeta da Lapa*. Relata-se a vida dos travestis e se busca na cadência dos seus saltos altos no asfalto, no vai-e-vem do *trottoir*, nas fugas, no medo, no humor, na voz matinal ao telefone, o segredo da invenção do feminino.

Travesti tornou-se um dos raros exemplos no Brasil de uma etnografia densa, subjetiva, plurivocal, dialógica etc, e nesse sentido o livro tem sido merecidamente citado por antropólogos, tornando-se uma espécie de *cult*. Mas que o leitor não tema: não há no livro o ranço de teorias grandiloqüentes sobre Antropologia ou gênero. A teoria está submersa entre as frases, por detrás, não existe enquanto coisa separada da ação dos personagens que vão surgindo sem serem apresentados. As cenas se sucedem, os entre-títulos quebrando a narrativa, separando um *take* de outro, fazendo as vezes de claquete. Hélio R. S. Silva trabalha com mini-conceitos, usando o que Geertz chama de "conceitos próximos da experiência": nesse livro, amor é amor e não *cathesis* do objeto, medo é medo e não fobia ou ego *disyntonico*. Etnógrafo de poros abertos, Silva está muito distante do modelo clássico da voz autoral "em *off*" tipo tudo sei/tudo vi.

Hélio Silva esclarece sua opção pela etnografia: "como um médium recebo (as histórias) dessas entidades da rua, que me ultrapassam". Seus interlocutores, os travestis, têm nome, rosto, voz. Lucrecia, Regina, Leila - que se diz mãe -, Chana que se diz "signora" e é tratada pelo autor como se "signora" fosse. As personagens são geralmente referidas por "ela", raras vezes por "ele", o gênero mudando no meio da frase sem que o autor hesite ("Viena .. chega irritada, queixando-se dos pais... Demonstra-se envolvidíssimo com a separação" - p. 51). São "elas", mas nem por isso Hélio Silva deixa de comparar o travesti ao toureiro, com sua "coragem viril". Como ele mesmo diz, "a tão decantada capacidade de discernir uma mulher de um travesti não é tão conclusiva assim" (p. 53). É um vai-e-vem provocador, e talvez central à questão que emerge do livro: afinal, qual o gênero do/da travesti? Para Silva, a resposta lúcida a essa questão está na **transcodificação**: a afirmação feita pela vida do travesti é a de "uma mutação radical, de que tudo se pode ser" (p. 127).

Silva tem a humildade de registrar alguns de seus passos em falso, como nesse trecho: "Leva (Chana) consigo uma escova grande, dessas que ornam toucadores 'femininos'. Estranho o exagero: não se trata de uma escova portátil. Início de pesquisa, vejo preconceituosamente no objeto um índice daquele propalado exagero, ênfase que caracterizaria o homossexual efeminado. Engano meu. A escova tem um fundo falso, onde ela coloca vários 'papelotes' de cocaína para seus clientes" (p. 69).

Em outra passagem, admite que mentiu para poupar a interlocutora-informante: "... 'Vocês têm filhas?' A pergunta me desarmou. Fiquei sem graça e achei que uma resposta afirmativa tornaria toda a conversa seguinte extremamente difícil. Maura era castrada. Jamais poderia ter filhos. Disse que não" (p. 43/44).

¹ Sobre conceitos 'próximos da experiência' e 'distantes da experiência' remeto ao texto "Du point de vue de l'indigène: sur la nature de la compréhension anthropologique". GEERTZ, Clifford *Savoir Local, Savoir Global*. Paris PUF, 1986.

Tampouco está em busca de verdades: Poliane nunca esteve na Itália, não morreu como se anuncia no texto. O livro ecoa ruas, falas e imaginários.

O que mais nos atrai na escrita de *Travesti* é essa tensão entre o texto acadêmico e o texto literário. O livro passeia por esses dois modos, mistura-os, não permitindo ao leitor se sentir no terreno seguro de uma classificação convencional. O autor faz literatura ao nos contar uma história, a dos seus encontros com os travestis da Lapa, as histórias que elas lhe contam. Mas não deixa de fazer tese, num exercício difícil e por isso mesmo fascinante. Mesmo Umberto Eco², que evidentemente não embarca na distinção entre “escrita criativa” e “escrita não-criativa” para entender a diferença entre um Shakespeare e um Kant, acaba por identificar dois momentos diferentes na escrita. Chama de **A** o primeiro momento, quando se deseja resolver um problema, desmanchar um nó. E para isto tenta-se obter uma clareza máxima no texto. “Depois do que”, diz, “se passa a vida defendendo nossas conclusões e a explicar: é isso o que exatamente eu quis dizer. E se alguém nos interpreta mal, dizemos: você não compreendeu nada”. Eco chama o segundo momento de **B**, quando os escritores estão preocupados apenas em colocar em cena uma contradição e, em relação ao leitor, se recusam a tomar um partido. “Shakespeare poderia dizer: coloquei em cena o drama de Hamlet, seus problemas. Não me peçam para dizer se ele tem razão ou se está errado. Eu vos contei esta história, vocês é que têm que tirar as conclusões”. Hélio Silva consegue transitar entre A e B realizando o que o antropólogo americano Taussing propõe para um texto antropológico, que seja escrito de modo a “desvendar sem retirar do véu seu poder alucinatório”.

Por isso, *Travesti* requer um leitor atento para ser saboreado em suas muitas camadas. Nem tudo está fechado, explicado, digerido. Uma mesma informação é repetida, a mesma cena recontada, como se o computador desavisado tivesse inserido a frase em lugares diferentes do livro, como se um pensamento se tornasse obsessivo ao autor. “Poliane vai morrer”. Noutras, a frase aparece solta, sem a aritmética fechada da escrita dita científica, abrindo possibilidades de mil interpretações. Há frases enigmáticas (“os tijucanos são inúmeros entre os seus clientes” - p. 58). Temos cenas, *drops* do cotidia-

no, narradas como contos breves - uma última frase que surpreende o leitor. Há momentos poéticos muito bons (“Lucrécia chorava no meu colo. Pensei em uma filha e me quedei a fazer cafuné em sua cabeça e a me perguntar o que era falso e o que era verdadeiro naquela vida.”).

Outras vezes, a desarticulação provoca um desconforto, talvez previsto, talvez sintoma do muito que ainda há a desenvolver em possibilidades narrativas nesse campo. Até que ponto, por exemplo, a mera transposição do suporte teórico-metodológico para o final do livro supera a opção convencional de colocá-lo no início? Silva mostra todas as condições de entrelaçar teoria e etnografia, subvertendo a dicotomia mecânica que as separa.

Surpreende o tom empolado de trechos como o relato de uma descrição da Lapa feita pelo travesti Viena. “Os nomes reverberam imantados de sua própria legenda. Parecem assim quase palavras sagradas a evocar sacrossantas e imateriais entidades culturais, marcos de uma Idade de Ouro” (p. 22)

Mas se lemos mais um pouco se vê que ele está falando do “contágio simbólico” entre os moradores da Lapa e a decadência do bairro. O tom grandiloquente, aí, pode ser ele mesmo exemplo do tal contágio da palavra com o que ela procura dizer. Devemos reconhecer que, outras vezes, o estilo apenas frunça o acesso a um público mais amplo, “que conhece o tema apenas das manchetes sensacionalistas e machistas” (como diz o autor). Silva diz na Introdução: quero compartilhar a minha convivência com os travestis da Lapa. Ele realmente compartilha coisas que viu e ouviu. Mas a narrativa seria ainda mais rica se nos mostrasse mais do Hélio, especialmente na relação com os travestis. Enquanto a presença destes é tão detalhada, tão íntima, fica faltando o Hélio na narrativa. O que ele dizia nas conversas? Será realmente possível (e desejável) a posição de “médium”, de um canal vazio? O texto cresce quando ele - aquele que vê - se deixa ver.

O olhar de Hélio Silva é o de um homem: em muitos trechos isso aparece, como no relato que inicia e que encerra o livro, o de uma sessão de depilação, narrada como um rito de auto-forfura, momento síntese do ser-travesti, em que o “homem natural (sic).. é policiado milimetricamente, como um Jardineiro combate urtigas, capim, pragas e toda a variedade de formas vegetais e animais que a natureza deixa aflorar e se estender irregularmente sobre o jardim” (p. 134), momento de “invenção do feminino”, como o título do livro anuncia. Menor seria a surpresa

² De *L'Ouvre Ouverte au Pendule de Foucault*. BROCHIER, Jean-Jacques e FUSCO, Mario. *Magazine Littéraire* 262, fevereiro 1989, p. 18-27

de uma mulher que observasse a depilação, ela também uma hóspede provável dessas visitas mensais à cera quente.

O que se poderia questionar no livro é a idéia de uma "natureza feminina e masculina" - não que isso esteja, repetimos, explícito. Mas muitos trechos passam a visão de um "feminino" arcaico, que incomoda. Para um livro que já no título se refere à possibilidade do feminino como invenção, há alguns escorregões em definições estereotipadas do que seja feminino: "(O travesti) tem do toureiro a coragem viril e intemorata, associada a delicadas e femininas preocupações com a aparência e o vestuário" (p. 37); "Tudo tão placidamente feminino, tão frívolo" (p. 41). Ou, ainda: "... o feminino é mais **feminino** que o feminino porque o primeiro é uma minuciosa e permanente (segundo a segundo) construção consciente, enquanto o feminino se produz natural e inconscientemente" (p. 134).

Aí a polêmica: Onde estaria na natureza a fonte desse feminino "natural"? Como conceber o feminino (ou o masculino) desentranhado da cultura?

Silva não incorre, porém, no erro de congelar os travestis numa identidade fixada para sempre. Os travestis mudam, hoje já não

correspondem "à imagem daquele travesti dos gritinhos e dos gestos descoordenados", já buscam "contenção e simplicidade", um vestuário mais prático (p. 38). Também muda o olhar da sociedade sobre eles: o livro sugere até uma possível seqüência, um estudo das *drag-queens*, dos que desfilam na MTV sem que sejam anunciados como bichos exóticos como sempre fizeram programas como o do Bolinha e do Silvio Santos. Hoje, a transitividade do travesti é apenas outra entre as tantas que o vídeo mostra, ao lado de DJs mal comportados, *punks*, *heavy-metals*.

Para além de todos os méritos de construção etnográfica e de escritura, é central em *Travesti* a afirmação do direito à liberdade de gênero. Além de escrever um livro pioneiro no tema, Hélio Silva, através dele, tira os travestis tanto do gueto quanto da vitrine e corajosamente se coloca ao seu lado, ao lado de quem, como ele diz, "se expõe, com tanto arrojo, a enfrentar todos os preconceitos e a passar todas as humilhações em nome da fidelidade a si mesmo, que é o que eles dizem explicitamente" (p. 99).

Etnógrafos a campo, a lição de escrita está dada.

CARMEN RIAL ■
GILKA GIRARDELLO ■

Riscados e fios soltos

Tessitura de Destinos. Mulher e educação - São Paulo: EDUC, 1993.

REIS, Maria Cândida Delgado.

São Paulo: EDUC, 1993.

Certamente os processos educativos, as propostas pedagógicas, as práticas disciplinadoras de homens e mulheres, em sua construção histórica e social, constituem um território fértil para problematização e questionamento. Curiosamente, no entanto, esse território parece ainda seduzir poucos estudiosos. Esse não é o caso, porém, de Maria Cândida Reis, historiadora, professora e militante feminista, que elege a educação de mulheres nas primeiras décadas deste século para objeto de sua investigação. Como nenhuma escolha é gratuita, seguramente a própria história da pesquisadora deve ter lhe sugerido o objeto, aguçado seu olhar, pro-

posto pistas, provocado lembranças. Por tudo isso, não estamos, pois, diante de uma pesquisa impessoal e marcada pelos moldes acadêmicos, mas frente a um estudo em que a autora é também, de algum modo, parceira e cúmplice das mulheres que está observando. Fica claro de que "lado" está Maria Cândida, mas seu posicionamento não implica falta de rigor ou criticidade, esses, ao contrário, evidentes na busca e no cruzamento das fontes e na análise sugestiva dos discursos - às vezes discordantes e contraditórios - dos sujeitos envolvidos.

Talvez pela frequência com que tenho me deparado com pesquisas preferenciosamente densas (mas que são na verdade agregados exaustivos de informações), é um alívio encontrar um texto singelo que descreve, traz indícios, faz e provoca análises.

Em pouco mais de cem páginas, a autora apresenta os resultados de uma investigação sobre "a formulação de lugares e imagens femininas no âmbito da instrução pública" desenvolvida em São Paulo, nas décadas de 1910, 20 e 30.